

Papa autoriza que sacerdotes abençoem casais do mesmo sexo

Igreja Católica

# Em decisão histórica, papa autoriza bênção para casais do mesmo sexo

— Vaticano justifica que as pessoas que procuram o amor e a misericórdia de Deus não devem ser sujeitas a ‘uma análise moral exaustiva’ para receber uma bênção

Em uma ação histórica, o papa Francisco aprovou formalmente a permissão para sacerdotes abençoarem casais do mesmo sexo. Um novo documento, divulgado ontem pelo Vaticano, prevê uma mudança significativa na política da Igreja Católica, apontando que as pessoas que procuram o amor e a misericórdia de Deus não devem ser sujeitas a “uma análise moral exaustiva” para receber uma bênção.

A declaração *Fiducia supplicans* sobre o significado pastoral das bênções, publicada pelo Dicasterio para a Doutrina da Fé com aval do papa, constitui um fato raro. Desde agosto de 2000, o antigo Santo Ofício não publicava uma declaração (a última foi em 2000, *Domini Iesus*, um documento de alto valor doutrinário, do mais importante departamento doutrinário da Igreja). Na introdução, o prefeito do discastério, cardeal argentino Victor Fernandez, explica que se fez uma reflexão teológica “baseada na visão pastoral de Francisco”.

O documento contém uma carta que o papa enviou a dois cardeais conservadores e publicada em outubro. Nesta resposta, Francisco sugeriu que tais bênções poderiam ser oferecidas em algumas circunstâncias, contanto que não se confundam com o ritual do casamento. A situação resolve ainda uma disputa interna, uma vez que padres na Bélgica e na Alemanha já davam essas bênções, enquanto conservadores americanos as condenavam. Agora, os sacerdotes que quiserem poderão dar essas bênções.

O novo documento desentrevolve essa ideia, reafirmando que o casamento é um “sacramento vitalício entre um homem e uma mulher”. Ele sublinha que as bênções devem ser de natureza não litúrgica e não



Texto segue ‘visão pastoral’ do papa, mas difere de posições anteriores e deve ser alvo de conservadores

devem ser conferidas ao mesmo tempo que uma união civil, por meio de rituais definidos ou mesmo com as roupas e gestos próprios do casamento. Mas diz que os pedidos de tais bênções para casais do mesmo sexo não devem ser negados.

Francisco, que completou 87 anos neste domingo, e tem uma década de pontificado, vem dando acenos para uma maior inclusão de grupos LGBT+ na Igreja Católica. Em entrevista no começo do ano, ele reforçou que “homossexualidade não é crime”. Em 2008, ainda sob o comando do antecessor, o papa Bento XVI, o Vaticano havia se recusado até a assinar uma declaração das Nações Unidas pedindo o fim das leis que criminalizam a homossexualidade.

Em outubro de 2020, circularam trechos de um documento, que estrearia no fim daquele ano, em que o pontífice defendia leis que previam a união civil entre pessoas do mesmo

sexo e o direito de os homossexuais serem acolhidos pelas suas famílias. Semanas depois, porém, ele divulgou um documento destacando que suas palavras não sinalizavam mudança na doutrina católica.

**Matrimônio mantido**  
Texto diz que sacramento do matrimônio continua a ser admitido apenas entre homem e mulher

**CONFIANÇA.** O documento divulgado nesta semana oferece definição extensa e ampla do termo “bênção” nas escrituras católicas. “Em última análise, uma bênção oferece às pessoas um meio de aumentar a sua confiança em Deus”, afirma o documento. “O pedido de bênção, portanto, expressa e alimenta a abertura à transcendência, à misericórdia e à proximidade de Deus em mil circunstâncias concretas davi-

da, o que não é pouca coisa no mundo em que vivemos”. E acrescenta: “É uma semente do Espírito Santo que deve ser nutrida, não impedida”.

Em 2021, a Congregação para a Doutrina da Fé do Vaticano disse categoricamente que a Igreja não poderia abençoar as uniões de dois homens ou duas mulheres porque “Deus não pode abençoar o pecado”. Esse documento criou um clamor — pelo qual parece que até Francisco foi surpreendido, apesar de ter aprovado tecnicamente a sua publicação. Logo após a divulgação, o pontífice demitiu o funcionário responsável por ela e começou a lançar bases para uma reversão.

No novo documento, diz o Vaticano, a Igreja deve evitar “esquemas doutrinários ou disciplinares, especialmente quando conduzem a um elitismo narcisista e autoritário pelo qual, em vez de evangelizar, se classifica os outros. “E, em vez de abrir a porta à graça,

esgotamos as nossas energias na inspeção e verificação.”

O Vaticano sempre afirmou que o casamento, enquanto sacramento, é uma união indissolúvel entre homem e mulher. Como resultado, se opte ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. O novo texto reitera que, conforme a “doutrina católica perene”, só as relações sexuais dentro do casamento entre homem e mulher são consideradas lícitas. Mas também sublinha que as pessoas em uniões “irregulares” — homo, bi ou heterossexuais — estão em um estado de pecado. Mas diz que isso não deveria privá-los do amor ou da misericórdia de Deus. “Assim, quando as pessoas pedem uma bênção, uma análise moral exaustiva não deve ser colocada como pré-condição para concedê-la”, afirma o documento.

**REAÇÕES.** O reverendo americano James Martin, que defende maior acolhida para os católicos LGBT+, elogiou o novo documento como um “grande passo em frente” e uma “mudança dramática” na política do Vaticano. “Juntamente com muitos padres católicos, terei agora o prazer de abençoar os meus amigos em casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

O LifeSite News, portal conservador dos EUA, publicou ontem que o documento foi lançado “em contradição com o inmutável ensinamento do Catolicismo de que a Igreja não pode abençoar relacionamentos em pecado.” Já John Obala, bispo da Diocese de Ngong, em Nairobi, capital do Quênia, disse em entrevista: “Temos certeza de que muitos questionamentos virão da congregação. Vão querer saber o quão longe isso vai, que implicações terá e o que prediz sobre o futuro”.

● COM AGENCIAS INTERNACIONAIS

<p><b>Saiba mais</b></p> <p>● <b>Sem julgamentos</b> Durante viagem de retorno ao Vaticano, após visita à África em fevereiro, o papa Francisco afirmou que a criminalização de homossexuais “é uma injustiça e um pecado que não</p>	<p>se pode deixar passar”. A afirmação, reiterando declarações anteriores, ocorreu durante a tradicional conferência de imprensa em voos, quando foi indagado sobre a perseguição que sofrem os homossexuais em alguns países africanos. Ele relembrou a célebre afirmação inicial do pontificado: “Se uma</p>	<p>pessoa é de tendência homossexual e acredita e busca a Deus, quem sou eu para julgá-la?”</p> <p>● <b>Batismo e casamento</b> Texto divulgado pelo Dicasterio para a Doutrina da Fé no mês passado já previa que as pessoas transexuais, mesmo que tenham sido submetidas a</p>	<p>tratamento hormonal ou cirurgia de mudança de sexo, podem receber o batismo, “se não houver situações em que haja risco de gerar escândalo público ou desorientação entre os fiéis”. A decisão também se estendia para que possam ser testemunhas em um casamento religioso. E os filhos de casais homos-</p>	<p>sexuais devem ser batizados desde que haja uma esperança bem fundamentada de que serão educados na fé católica. Conforme o Vaticano, foi dom José Negri, bispo da Diocese de Santo Amaro (SP), no Brasil, que pediu esclarecimentos sobre a possível participação nos sacramentos.</p>
---	--	---	--	---

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrôpole Caderno: A Pagina: 13